



EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E PROCESSOS IMAGINATIVOS DE CRIANÇAS CONTADORAS DE HISTÓRIAS

Aesthetic experience in early childhood education and imaginative processes of storytelling children

Débora Cristina Sales da Cruz **VIEIRA**

Secretaria de Estado de Educação

Distrito Federal

Brasília, Brasil

deborasalesvieira19@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1954-6700> 

Cristina Massot **MADEIRA-COELHO**

Faculdade de Educação

Universidade de Brasília

Brasília, Brasil

cristina.madeira.coelho@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9727-5419> 

Mais informações da obra no final do artigo 

RESUMO

O artigo analisa processos imaginativos de crianças pequenas presentes em performances narrativas de criação/recriação de histórias. A pesquisa se orientou pela Epistemologia Qualitativa de González Rey, que tem como princípios a metodologia construtivo-interpretativa, o diálogo e a singularidade como valor da construção de conhecimento científico. Como material empírico foram utilizadas performances narrativas, que envolveram contos e recontos, diálogos e expressões cênicas de duas crianças pequenas de uma instituição pública de Educação Infantil, localizada em região periférica do Distrito Federal. A partir da experiência estética com o livro *Brinquedos*, do autor André Neves, as crianças colaboradoras da pesquisa criaram suas próprias performances, nas quais há um amálgama complexo de dimensões do desenvolvimento humano composto essencialmente por emoção, memória e imaginação, em narrativas que recriam a história como prática performativa de produção de culturas na infância.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Experiência Estética. Literatura para crianças. Processos Imaginativos. Narrativas.

ABSTRACT

The article analyze the imaginative processes of young children present in narrative performances of creating/recreating stories. The research was guided by the Qualitative Epistemology of González Rey, whose principles are the constructive-interpretative methodology, dialogue and uniqueness as a value for the construction of scientific knowledge. As empirical material, narrative performances were used, which involved tales and retellings, dialogues and scenic expressions of two small children from a public institution of Early Childhood Education, located in the peripheral region of the Distrito Federal. Based on the aesthetic experience with the book "Brinquedos", by André Neves, the children who collaborated in the research created their own performances, in which there is a complex amalgamation of dimensions of human development, in which emotion, memory and imagination are essential parts of in narratives that they recreate the history as a practice of producing cultures in childhood.

KEYWORDS: Early childhood education. Aesthetic Experience. Literature for children. Imaginative Processes. Narratives.

INTRODUÇÃO

As crianças pequenas, desde muito cedo, estão imersas em um universo de palavras ouvidas e materializadas em diversas histórias que as constituem e são por elas concebidas. Essa relação entre as crianças e a linguagem tem sido estudada em diferentes campos do conhecimento que convergem para a compreensão ontológica da linguagem como uma dimensão fundadora do processo de humanização, articulada a outros processos simbólico-emocionais.

Assim, entendendo-se que a produção narrativa das crianças envolve de maneira articulada a imaginação e a emoção, este artigo pretende analisar processos imaginativos de crianças pequenas presentes em performances narrativas de criação/recriação de histórias. Isto se dará por meio da análise construtivo-interpretativa (GONZÁLEZ REY, 2005) de performances narrativas de duas crianças pequenas de uma instituição educativa pública de região periférica do Distrito Federal¹. Este processo permitiu-nos construir indicadores de elementos da realidade que constituem esses processos imaginativos, pois "a maneira como as crianças manifestam suas expressões criativas, seja por meio das brincadeiras, narrativas ou desenhos, demonstra não somente seus modos de pensar sobre o real, mas de senti-lo e interpretá-lo." (SILVA, 2012, p. 51).

A tradição narrativa envolve uma tripla competência "saber fazer, saber dizer e saber ouvir" de modo que a comunidade se relacione consigo mesma e com o ambiente, constituindo laços sociais por meio de um conjunto de regras pragmáticas. Girardello (2014) destaca que a performance narrativa ocupa um significado em si nas culturas tradicionais, que independem do seu sentido referencial. Nesse sentido, a concepção de língua presente neste artigo está baseada no seu princípio dialógico e social, onde as interações verbais se constituem como aspectos primordiais para o desenvolvimento dos interlocutores. Isto inclui a prática de ouvir, contar e/ou recontar histórias, pois na colaboração entre pares há momentos de produção e trocas emocionais, afetivas e sociais que permitem, a quem as vivencia, a produção de sentidos diferenciados e singulares a uma mesma experiência vivida.

¹ As formas de nomeação de instituições de Educação Infantil – EI fazem parte do debate contemporâneo sobre concepções da identidade da Educação Infantil, na busca de particularizá-las em relação a outras etapas educacionais e superar perspectivas escolarizantes para a EI. Embora cientes dessa questão, as autoras optaram por nomear a instituição pesquisada, utilizando, como é o usual na cidade de Brasília, a sigla de seu próprio nome, CEI – Centro de Educação Infantil.

Destacamos que conseguimos construir, conjuntamente com as crianças colaboradoras da pesquisa, um ambiente de experiências estéticas significativas, pois ao nos aproximarmos para ouvi-las e darmos oportunidade de fala e materialidade às histórias narradas por elas, rompemos com as relações hierarquizadas entre adultos e crianças, pesquisadora e sujeitos colaboradores. Tornamo-nos parceiros do narrar (SMITH, 2006), onde as histórias imaginadas, contadas e recontadas entremearam a relação afetiva estabelecida na sala de leitura denominada por nós como 'Toca da Coruja'.

O artigo está organizado em três tópicos, conforme: a) "Quem quer contar uma história? - um tema em múltiplos enfoques" que trata de uma revisão de literatura multidisciplinar sobre a narrativa, articulando a perspectiva filosófica (BENJAMIN, 2021), linguística (PERRONI, 1992), psicológica (BRUNER, 1996, 2008, 2012; VIGOTSKI, 2012), antropológica (ROGOFF, 2005) e performativa (BAUMAN, 2014; GIRARDELLO, 2014; HARTMANN 2014a, 2014b); b) "O percurso metodológico: breve contextualização da pesquisa" no qual aborda-se os pressupostos do método construtivo-interpretativo (GONZÁLEZ REY, 2005) e elementos basilares da pesquisa empírica; c) "Episódio Brinquedos e histórias narradas" que apresenta as performances narrativas de duas crianças colaboradoras da pesquisa e as construções interpretativas de indicadores que as narrativas das crianças possibilitaram.

QUEM QUER CONTAR UMA HISTÓRIA? - UM TEMA EM MÚLTIPLOS ENFOQUES

O ato de ouvir histórias constitui-se como uma prática cultural desde a antiguidade, por meio delas a humanidade escreveu sua História ao longo dos séculos e quanto mais uma história era ouvida, mais integrava a vida daquela pessoa ou daquela comunidade. A repetição de histórias é uma prática comum entre as crianças pequenas, que quando gostam de determinada história, solicitam ouvi-la inúmeras vezes, e desse modo estas narrativas passam a compor o processo dialético da constituição narrativa destas crianças (VIEIRA; MADEIRA-COELHO, 2018). Benjamin (2012) atribui à prática laboral coletiva a continuidade das narrativas, pois enquanto as pessoas mantinham o corpo ocupado, suas mentes eram povoadas por inúmeras histórias.

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve uma história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. (BENJAMIN, 2012, p.221).

Pois, se constituir como narrador parte do princípio de ouvir e ouvir muitas e muitas histórias, que pouco a pouco vão constituindo este ser, que não domina apenas o código linguístico, mas recheia de experiências suas e/ou dos outros, suas próprias narrativas. "O narrador infunde a sua substância mais íntima também naquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira." (BENJAMIN, 2012, p.240).

Coadunando com as proposições de Benjamin (2012), ressaltamos que as narrativas das crianças vão se realizando de diferentes formas nas interações com os adultos e seus pares, de modo que as crianças aprendem modos de dizer nos diversos contextos de experiências de vida.

Perroni (1992) realizou pesquisa em estudo longitudinal e observacional do desenvolvimento linguístico de duas crianças brasileiras de 2 a 5 anos de idade. Com este estudo, identificou etapas do desenvolvimento do discurso narrativo em crianças. Para a autora a aquisição da linguagem se dá pela ação solidária de três fatores: a interação da criança com o mundo físico, com o mundo social, ou com o outro que o representa, e com objetos linguísticos, isto é, com enunciados efetivamente produzidos.

A partir dos estudos de Applebee, Perroni (1992) afirma que contar uma história é um dos muitos usos da língua em nossa cultura, atividade a que se associam algumas convenções, como abertura com as palavras "Era uma vez...", e o término com "viveram felizes para sempre". De acordo com a autora, a criança pequena logo percebe a diferença entre a história e outras formas de discurso. E inicialmente trata-a como algo que aconteceu no passado e não como uma construção de ficção, acompanha esta etapa, a imutabilidade das histórias com a rigidez dos enredos.

Desde as primeiras tentativas de narração, os interlocutores, adulto e criança, têm papéis definidos neste processo de interação verbal. O adulto tem papel ativo nesta fase inicial, dirigindo às crianças perguntas, que respondidas ajudam no surgimento do discurso narrativo. Sua função é ajudar a criança a lembrar, sob a forma de discurso, o que pretende contar e, conforme a autora, esta atuação do adulto é chamada de eliciação.

As primeiras tentativas de narrar da criança são nominadas pela autora de protonarrativas, pois ainda não se constituem uma narrativa, porém já evidenciam sua natureza dialógica. Demonstram um caráter preparatório de um processo emergente nos meses seguintes, e são percebidas como estruturas embrionárias do discurso narrativo. Pois, "surgem, portanto, em resposta a perguntas [...] que o adulto aos

poucos vai acrescentando e que requerem da criança o preenchimento de elementos dentro de uma estrutura típica de discurso narrativo.” (PERRONI, 1992, p. 53).

Nesta fase a criança entra em contato com dois modos diferentes de acesso à estrutura do discurso narrativo: a) o jogo de contar, um processo no qual o relato vai sendo construído a partir de perguntas e respostas; b) histórias contadas pelo adulto, que ao contrário do jogo, apresenta estrutura rígida. Conforme a criança vai progredindo no trabalho de construir narrativas, seu papel muda de complementar a recíproco, no sentido de sua constituição como locutor e posteriormente, como sujeito da enunciação, (PERRONI, 1992).

Nessa perspectiva, a criança vivencia estruturas de narrativas diferentes, que a constituirão como protagonista no processo narrativo. Segundo a autora, a partir de 4 anos em diante, a criança assume gradativamente um papel cada vez mais ativo e autônomo na construção de narrativas, constituindo em conjunto com um adulto interlocutor, situações que tendem a ser simétricas, ou seja, não estão condicionadas à intervenção do adulto para construir sua narrativa. Contudo, essa delimitação etária proposta pela autora não pode ser compreendida de maneira categórica, pois o desenvolvimento histórico e social da criança não deve ser desconsiderado, sendo que os contextos de interação com os adultos e seus pares influencia decisivamente no desenvolvimento do discurso narrativo infantil (VIEIRA; MADEIRA-COELHO, 2018).

Nesse sentido, ressalta-se que a criança se preocupa com a recepção do adulto como interlocutor, por isso a preocupação com a plausibilidade, que evidencia o seu amadurecimento como narrador. A liberdade criativa e a imaginação configuram-se como fatores constituintes da criança como sujeito da enunciação, enquanto narrador de suas próprias histórias, sejam elas verdadeiras ou inventadas.

Bruner (1996; 2008; 2012), em seu construto teórico, afirma que a narrativa não é simplesmente uma realização mental, mas uma realização de prática social que outorga estabilidade à vida social da criança. Em destaque sobre a importância da ação narrativa no desenvolvimento humano, conceitua: “uma narrativa é composta por uma única sequência de eventos, estados mentais, acontecimentos envolvendo seres humanos como personagens ou atores.” (BRUNER, 2008, p. 63). A definição da narrativa como real ou imaginária não diminui seu poder enquanto história, pois os significados atribuídos a ela são individuais. O autor evidencia que as histórias ajudam as crianças a criarem uma versão do mundo no qual, psicologicamente, podem encontrar um lugar para si mesmas e criarem seu território pessoal. (BRUNER, 1996).

Nesta construção pessoal, destacada pelo autor, a narrativa se configura como modo de pensamento e veículo da produção de significação. Apoiado nos estudos de Dewey, Bruner afirma que a linguagem oferece uma maneira de organizar os nossos pensamentos sobre o mundo que nos cerca (BRUNER, 2008). Esta concepção é herdeira da perspectiva histórico-cultural de Vigotski (2012), que em seu construto teórico sobre a relação pensamento e fala, explica que o desenvolvimento da linguagem reestrutura o pensamento e lhe chancela novas formas. O pensamento e a fala têm raízes genéticas diferentes, as duas funções se desenvolvem ao longo de trajetórias diferentes e independentes, mas fundem-se quando a criança adentra no mundo das significações e começa a se comunicar na sua língua materna (VIGOTSKI, 2012).

As ferramentas culturais para a narrativa já estão presentes desde muito cedo, sendo na infância que a narração/escuta de histórias se torna uma prática social. Pois, como afirma Bruner: “construir-se através do narrar-se é um processo incessante e eterno, talvez mais do que nunca. É um processo dialético, é um número de equilibrista” (BRUNER, 2012, p.95). O autor explica que por configurar dois planos, o individual e o social, o movimento dialético da produção narrativa é complexo e representa mais que a individualidade do narrador, na condição de ser cultural, mas também a cultura em que está inserido. Como ser humano, produzimos narrativas que nos constituem e ilustram a nossa condição humana. Como nos explica:

Por meio da narrativa nós construímos, reconstruímos, e de alguma forma reinventamos o ontem e o amanhã. Memória e imaginação amalgamam-se nesse processo. Mesmo quando criamos os mundos possíveis da ficção, não desertamos do familiar, mas o subjuntivizamos aquilo que poderia ter sido ou no que poderia ser. Memória e imaginação são fornecedoras e consumidoras uma das outras. (BRUNER, 2012, p.103).

Rogoff (2005) explica que o processo do desenvolvimento humano consiste na transformação das pessoas por meio da participação contínua em atividades culturais, e que estas contribuem para as transformações em suas comunidades culturais. Nesta relação dialética, as pessoas se constituem com a experiência cultural e constituem a experiência cultural da sua comunidade. De modo que, cada comunidade se organiza de modos distintos, o que preconiza a construção de significados distintos atribuídos às produções culturais. A produção narrativa humana constitui-se uma produção cultural por apresentar os elementos fundamentais de materialidade e significação e seu desenvolvimento se dá a partir das práticas culturais que envolvem o ato de ouvir e contar histórias. Nesse sentido, Rogoff (2005) reitera o caráter geracional e transformador na produção de culturas na infância, conforme:

Por exemplo, ao contar, aperfeiçoar e ouvir narrativas, as crianças e seus parceiros se envolvem em práticas culturais construídas a partir de estruturas proporcionadas por seus predecessores. Da mesma forma, a participação das crianças em rotinas e em brinquedos as envolve mutuamente com seus parceiros, em tradições culturais que as precedem e às quais elas contribuem para modificar, ao desenvolver atividades lúdicas e brincadeiras. (ROGOFF, 2005, p.238).

Neste movimento complexo, as crianças são constituídas e constitutivas da cultura, reelaborando por meio da brincadeira, pela imaginação e estabelecendo formas criativas de se relacionar com a cultura. As crianças aprendem comunitariamente a utilizar o formato narrativo preferido para contar os eventos vividos, pois “[...] a participação das crianças na narração de histórias, nas descrições e nas charadas se estende à encenação de formas culturalmente valorizadas de fazer as coisas, praticando e brincando com rotinas sociais e papéis em sua comunidade.” (ROGOFF, 2005, p. 240).

Hartmann (2014a; 2014b) destaca que as contribuições de Bauman nas pesquisas sobre etnografia da fala lançaram luz sobre as narrativas orais, ampliando o foco dos aspectos verbais para todos os meios comunicativos que compõem o evento narrativo. Na definição do referido autor, performance é compreendida como um modo de comunicação verbal que consiste na tomada de responsabilidade de um *performer* para uma audiência, através da manifestação de uma competência comunicativa. Esta competência apoia-se no conhecimento e na habilidade que ele possua para falar nas vias socialmente apropriadas. “[...] o ato de expressão do *performer* é sujeito a avaliação, de acordo com sua eficiência. Quanto mais hábil, mais intensificará a experiência, através do prazer proporcionado pelas qualidades intrínsecas ao ato de expressão.” (HARTMANN, 2014b, p.45).

Entendemos que a criança se desenvolve integralmente e as narrativas produzidas expressam sua constituição singular em cuja sonoridade evidencia-se a emocionalidade na narrativa. Pois, “toda poética é poética em ação, toda poética é performativa” (BAUMAN, 2014, p.734), e entre os objetivos intrínsecos da arte verbal na performance está o enriquecimento da experiência estética dos sujeitos.

A performance narrativa articula dois planos dialeticamente, o do contador de histórias que cria ao narrar a história com sua voz, presença e imaginação, e o plano da plateia que cria ao produzir sentidos singulares sobre a experiência estética vivenciada na escuta da história narrada. Desse modo, narrar não está restrito aos aspectos linguísticos, cognitivos, mentais, nem somente às produções que constituem valores socioculturais de um conjunto de pessoas. Narrar como performance vivenciada

envolve a produção ativa simbólico-emocional de quem vive esta experiência e produz individualmente para singularizá-la como sua.

O PERCURSO METODOLÓGICO: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Este artigo é parte da pesquisa de mestrado sobre imaginação na produção narrativa de crianças na Educação Infantil (VIEIRA, 2015) da primeira autora sob orientação da segunda autora. Com base na Epistemologia Qualitativa (GONZÁLEZ REY, 2005), cuja ação epistemológica é concomitantemente teórica e empírica, articula-se em três princípios: a) rompimento com o caráter positivista de pesquisa e a validação da construção-interpretativa como forma de produção do conhecimento; b) priorização do caráter dialógico nas relações estabelecidas entre pesquisador e sujeitos colaboradores da pesquisa; e, c) a compreensão do singular como instância de produção do conhecimento.

A pesquisa empírica foi realizada durante o ano letivo de 2014 em uma instituição pública de Educação Infantil, localizada em região periférica do Distrito Federal. As crianças colaboradoras da pesquisa tinham faixa etária entre 5 e 6 anos de idade e eram da mesma turma do 2º período da Educação Infantil. Os encontros semanais com as crianças foram realizados na sala de leitura chamada de 'Toca da Coruja', que recebeu esse nome devido ao grande número de corujas na instituição educativa.

A utilização da literatura para crianças como estratégia metodológica para compreensão de processos de criatividade, imaginação, emoção e produção de sentidos estéticos das crianças, que em seu conjunto configuram construções subjetivas, materializaram-se na realização de oficinas com diversas atividades lúdicas. Assim, constituíram o processo da pesquisa empírica, atividades presenciais consideradas como instrumentos da pesquisa, como: contação de histórias, mediação de leitura de livros selecionados pela pesquisadora e de livros escolhidos pelas crianças no acervo da sala de leitura, dramatização das histórias ouvidas, recontos orais, registros pictóricos das histórias e muita conversa com as crianças pequenas colaboradoras da pesquisa. Os registros das oficinas compreendiam relatos escritos no diário de campo, gravações em áudio e gravações em vídeo.

O envolvimento das crianças com o universo literário, ao longo das oficinas semanais durante os dois semestres em que a pesquisa se desenvolveu permitiu a imersão delas em diversas obras. Além disso, as crianças escolheram os nomes pelos

quais gostariam de serem identificadas na pesquisa, pois a pesquisadora conversara com elas que, por questões éticas (CAMPOS, 2008), seus nomes originais não seriam revelados. Ao final da pesquisa empírica, as atividades vivenciadas nas oficinas e a abrangência da ligação com diferentes personagens da literatura infantil possibilitou diferentes escolhas de nomes que não se limitaram ao universo literário, envolvendo também personagens de filmes e de história em quadrinhos que se constituiu relevante para a análise interpretativa, pois, a oportunidade de cada criança escolher outro nome que a representasse nos indicou sobre a potencialidade de sua opção estar traduzindo preferências e identificação com personagens.

No episódio analisado neste artigo teremos a presença de duas entre as crianças colaboradoras da pesquisa, que, como acabamos de expor, escolheram serem chamadas de: Pinóquio (6 anos) e Branca de Neve (5 anos). Pinóquio é um menino negro que gostava de brincar e interagir com seus colegas no cotidiano do CEI. Apresentava pouca inibição em momentos coletivos, contudo nas ações individuais do processo empírico, mostrava-se um pouco retraído na interlocução direta com a pesquisadora. Ele é o filho caçula de uma família com mais quatro filhas meninas. Seu pai e sua mãe vieram do Piauí para o Distrito Federal na última década, e ele foi o único filho que nasceu na capital federal. Branca de Neve é uma menina branca que também se relacionava bem com seus colegas de turma, contudo tinha afinidade e preferências pela companhia de algumas meninas. Participava ativamente do processo empírico das propostas coletivas e individuais, estabelecendo um vínculo comunicativo e afetivo com a pesquisadora. Residia com a mãe e uma irmã mais velha, sendo que toda sua família nasceu no Distrito Federal.

Ressaltamos ainda que nas pesquisas com crianças pequenas, a criatividade e imaginação do pesquisador ao elaborar instrumentos e estratégias metodológicas empregadas no processo empírico, bem como a construção de um espaço relacional dialógico, constituem uma prática de reconhecimento e valorização das especificidades das crianças e de suas infâncias singulares.

Para a proposta desse artigo selecionou-se estratégias de pesquisa a partir do livro *Brinquedos*² do autor e ilustrador pernambucano André Neves. A escolha do livro *Brinquedos* se deu pelos seguintes critérios: a) estética visual das ilustrações da obra; b) presença de crianças como personagens principais; e, c) contexto social diverso representado no enredo do livro.

² O livro *Brinquedos* foi publicado em 2012 pela Editora Mundo Mirim e atualmente encontra-se fora de catálogo.

Figura 1 – Capa do livro *Brinquedos*



Fonte: <https://pt.slideshare.net/azulestrelar/brinquedos-andr-neves>

Como um ilustrador experiente, André Neves narra a trajetória dos brinquedos sem utilizar uma única palavra, desse modo pode ser caracterizado como livro-imagem. O livro de imagens ou livro-imagem é conceituado por Belmiro (apud CEALE, s.d., s.p.) como: “[...] um livro com imagens em sequência e que conta uma história, geralmente selecionando uma situação, um enredo e poucos personagens. Constitui-se como uma narrativa visual, que aproxima duas condições básicas para sua realização: a dimensão temporal e a dimensão espacial.” Desse modo, a experiência estética proposta pelo autor na obra abre um singular campo de significação e produção de sentidos para os leitores e as leitoras e sobretudo, para os pequenos e pequenas ainda não alfabetizados, devido ao seu alto apelo imagético.

EPISÓDIO BRINQUEDOS E HISTÓRIAS NARRADAS

O objeto brinquedo não tem por intenção afirmar a sua centralidade nas brincadeiras infantis, pois, conforme Benjamin (2002), não é o conteúdo do brinquedo que define a brincadeira da criança, mas, ao contrário, é a criança, ao brincar, que transforma em brinquedo qualquer objeto de que possa dispor a sua imaginação. Os brinquedos consolidaram-se em nossa cultura como objetos representativos da infância, evidenciando as relações de classe, de gênero e etária na sua materialidade, e são a temática central da obra literária enfocada nesse artigo.

A prática da literatura, seja pela leitura ou escuta, consiste na exploração das potencialidades da linguagem, da palavra, e não tem paralelo com outra atividade humana. “A literatura tem o poder de se metamorfosear em todas as formas discursivas. Ela também tem muitos artifícios e guarda em si o presente, o passado e o futuro da palavra.” (COSSON, 2009, p.17). Antonio Candido (1995) nos diz que a literatura é uma necessidade universal e um direito humano, pois deve ser vivenciada

para garantir a sua função de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza nas relações estabelecidas. O livro literário, como objeto estético e cultural, apresenta às crianças mundos inventados, convidando-as à imaginação, fantasia e a vivenciarem emoções na ficção por meio da experiência estética, como parte do processo de humanização na infância.

Como toda vivência intensa, a vivência estética cria um estado muito sensível para as ações posteriores e, naturalmente, nunca passa sem deixar marcas em nosso comportamento posterior. [...] toda vivência poética age como se acumulasse energia para ações futuras, lhes dá uma nova direção e faz com que o mundo seja visto com outros olhos. (VIGOTSKI, 2003, p.234).

O episódio analisado retrata uma estratégia realizada na Oficina de Histórias como instrumento da pesquisa, na qual, na qual as crianças colaboradoras da pesquisa realizaram a produção narrativa da história do livro de imagens ou livro-imagem *Brinquedos*. A poética de André Neves, como lugar de passagem, no qual suas ideias, concepções e representações constituem esta obra materializada como gesto estético, evoca a criação de um potente espaço simbólico intergeracional. As ilustrações da obra *Brinquedos* destacam-se pela complexidade do traço característico do autor, e pela combinação de cores e formas na transposição das imagens que contam uma comovente história.

Figura 2 – Tirinha com sequência de imagens do livro *Brinquedos*



Fonte: Elaboração das autoras com imagens disponíveis em <https://pt.slideshare.net/azulestrelar/brinquedos-andr-neves>

A representatividade de crianças em obras de literatura infantil é presente, desde os contos clássicos à literatura contemporânea produzida para a infância. Contudo, nesta obra de André Neves podemos perceber diferentes representações imagéticas da infância, (SARMENTO, 2007), pois se articula com a nossa compreensão de que não há uma infância universal, mas crianças geográfica, política e culturalmente situadas, com distinções de classe, raça e gênero que se interseccionam com a categoria geracional. Desse modo, as relações das crianças com os brinquedos retratadas no livro materializam estas distinções citadas, as múltiplas possibilidades de ser criança, e as singulares infâncias.

A diversidade do contexto social representado na obra que abarca uma casa de classe média, um aterro sanitário e um barraco de madeira, permite ao leitor fazer o percurso que os brinquedos fizeram durante a história e materializa, através das imagens de diferentes contextos sociais para as crianças. Na região administrativa, onde fica localizado o CEI em que a pesquisa foi realizada, há uma cooperativa de reciclagem de resíduos sólidos, de modo que o olhar da comunidade para o lixo é diferenciado, o que pode favorecer aproximações afetivas das crianças com a história narrada no livro.

As ilustrações presentes no livro ofereceram às crianças o enredo da história, porém pudemos perceber que isto não as impediu de imaginar e produzir novos sentidos estéticos para as aventuras das crianças que encontraram dois brinquedos no lixão próximo de sua casa, pois a experiência estética não se diferencia de uma experiência intelectual, uma vez que a experiência intelectual para ser completa precisa ser estética. (CAMPOS, 2016).

A atividade descrita foi realizada com as crianças individualmente, enquanto as demais crianças colaboradoras da pesquisa manuseavam livros em outra mesa da sala de leitura "Toca da Coruja". De um modo geral, as crianças utilizaram as imagens como referência para a produção narrativa e, dessa forma, optamos por selecionar duas narrativas que consideramos como criativas na realização da atividade: a produção narrativa de Pinóquio e de Branca de Neve, como já foi informado anteriormente.

Pinóquio: É para ver a história?

Pesquisadora: Sim. É para contar a história também.

Pinóquio: Mas, eu não sei...

Pesquisadora: (Aguarda em silêncio e a criança começa a narrar.)

Pinóquio: Era uma vez uma menina e um menino que gostava muito de brincar. Eles pediram um negócio para o papai. Quando eles foram para escola, estava brincando todo dia, brincando, brincando. Eles dois brigaram só por causa dessa boneca. E depois eles ficaram assistindo desenho. Eles estavam brincando e o brinquedo estava indo para o lixo. Eles estavam catando lixo. O caminhão do lixo

estava passando, passando e até pegar o lixo. Os meninos estavam trabalhando, trabalhando até chegar o caminhão do lixo. Lá o amigo dela achou uma boneca para ela e ela ficou feliz, feliz. Eles foram lá e gostaram muito de pegar coisa. Eles viraram amigo, catava tudo do lixo e iam caminhando. Na casa eles ficaram feliz, feliz, brincando, brincando, brincando. Eles gostavam de brincar para todo lado, todo lado. E eles dormiram. Eles botaram os brinquedos dele para ficar quieto. Acabou.

Pesquisadora: Muito bom! Quem disse que você não sabe contar histórias, hein? Parabéns!

Pinóquio: (Sorri e coloca o livro na mesa.) (VIEIRA, 2015, p.104).

Na produção narrativa de Pinóquio podemos destacar a inicial recusa para a narração da história, representando o pouco espaço de autoria narrativa para as crianças em contextos de aprendizagem e desenvolvimento institucionalizados. Para ele, ver-se como uma pessoa capaz de narrar uma história com o apoio de um livro ilustrado não era possível, e diante da sua inicial recusa, a pesquisadora aguarda em silêncio que desafie a atitude da criança, e assim, diante da situação vivenciada, ele assume a palavra e desenvolve-se como narrador. As ideias de como deveria ser essa performance narrativa colocaram Pinóquio diante das escolhas das palavras na construção textual, do tom de voz empregado e da presença materializada no ato narrativo.

A utilização do recurso estilístico de repetição de palavras, para imprimir cadência na sua performance narrativa, pois alterava vocalmente o ritmo da sua narração a cada nova repetição, reproduzindo oralmente a ação performática de algumas contações de histórias voltadas para crianças que trazem a repetição de palavras. Pinóquio permaneceu atento à reação da espectadora, no caso, a pesquisadora diante da sua performance narrativa. O narrador não nomeou os personagens do livro, inferimos que devido à presença das ilustrações que utilizava para nortear a sua criação narrativa, de modo que as crianças que encontraram os brinquedos no lixão tiveram mais ações narradas do que as crianças que aparecem no início da história, apontando uma possível preferência pelos personagens.

Outra ação despertou a nossa atenção, pois ao folhear o livro ao longo da sua narração, pulou a página final da história e foi direto para a página que continha a foto do autor André Neves e uma breve biografia, e nessa página também está a ilustração dos brinquedos sentados, ao lado da foto do autor. Ao continuar a sua narração, Pinóquio olhou rapidamente para a página e encerrou a história: "*Eles botaram os brinquedos dele para ficar quieto. Acabou.*" Percebemos nessa frase, uma ação criativa na resolução do problema que se colocou diante dele, pois precisava criar o final da história rapidamente, já que havia pulado a página que encerrava a história, e dispunha

apenas daqueles elementos visuais. Ao considerar que os brinquedos foram colocados para ficarem quietos, evidencia a sua imaginação na construção do seu enredo da história. O fato de os brinquedos estarem sentados, diferente de como apareceram, em movimento, ao longo do livro, foi interpretado por ele como um ato de controle do corpo, por isso eles foram forçados a ficarem quietos e depois encerra a história.

Por meio da produção narrativa de Pinóquio percebemos a sua imaginação na criação da história que se desenrolou em um enredo linear até o final, de modo que capacidade de compreensão da produção narrativa da história foi bem marcada pela criação do final, que preencheu o hiato surgido entre a penúltima página e a página final livro.

Por sua vez, Branca de Neve iniciou prontamente a narrativa assim que foi explicada a proposta e ao pegar o livro, já assumiu a postura corporal de uma contadora de histórias experiente, e inicia a sua produção narrativa com as clássicas palavras de abertura "Era uma vez...", assim como Pinóquio também o fez.

Branca de Neve: Era uma vez um menino e uma menina. A menina tinha uma boneca e o menino tinha um palhaço. Mas o pai dele e a mãe dela queria dar um presente para eles. E mais tarde. Mas, de repente eles foram para a escola com as coisinhas deles. Mas o pai dele e a mãe deles viu que não vai perceber. Eles botaram o brinquedo na mochila para o pai não ver. Eles brigaram só porque a boneca estava toda bonita. Ele queria dar o palhaço para ela e ela queria dar a boneca para ele, só que não deu. Mas, ela não queria dar mais. A boneca e o palhaço ficaram todos tristes. E eles jogaram os brinquedos no lixo. E no caminho do lixo, eles só queriam as coisas deles de volta. O cabelo da boneca era só pentear e era só colar o boneco. E de repente, queriam ir para a escola e encontraram gente no lixo. E o menino queria namorar a menina. Eles dois, é só pentear. E viveram...e dormiram... e ficaram. Pronto! Acabou! (VIEIRA, 2015, p.105).

Na produção narrativa da Branca de Neve, percebemos dois elementos que despertaram o nosso interesse pelo texto: a centralidade dos brinquedos e a presença da escola. Quando Branca de Neve atribui sentimentos como "ficaram tristes" e desejos "queriam as coisas deles de volta", "queriam ir para a escola" aos brinquedos, eles deixaram de ser seres inanimados e tornaram-se personagens como as outras crianças da história. Branca de Neve produziu um sentido estético diferente para aquele conjunto de ilustrações que compunham o livro, nos quais os brinquedos eram apenas objetos. Inclusive, quando caracteriza o que deveria ser feito com a boneca e com o palhaço, se revela uma tentativa de reação quanto à ação da ida dos brinquedos para o lixo, pois afinal "O cabelo dela era só pentear e era só colar o boneco". Podemos entender esta ação como uma tentativa de preservar, na sua própria história, os personagens principais, que foram escolhidos por ela, mas também se relaciona com como ela lidaria com a situação se tivesse recebido um brinquedo danificado.

A presença fundamental das histórias como instância pedagógica através das culturas: elas fazem uma ponte entre os valores e as crenças abstratas e a materialidade do contexto experimentado pelas crianças. O contato com as histórias na cultura significa para as crianças o reencontro simbólico com um padrão organizativo-temporal e mesmo rítmico-que elas já vivem em sua experiência com a sucessão de eventos no tempo. (GIRARDELLO, 2007, p.41).

Outro elemento destacado foi a presença da escola na sua produção narrativa, pois não há ilustrações de escola no livro, mas a relação estabelecida entre a mochila, um objeto escolar e a própria escola fica clara para a criança, inclusive na ação clandestina das crianças de levarem os brinquedos para a escola escondidos dos familiares. Isso reproduz uma situação cotidianamente vivenciada em contextos escolares, pois convencionalmente há dias estabelecidos para levarem brinquedos para a instituição de Educação Infantil que frequentam, e nos demais dias não é permitido. Essa transgressão materializada na ação das crianças se coaduna com a representação que Branca de Neve tem da instituição que frequenta como um lugar alegre, lugar de encontro e lugar de brincadeira, pois quando os brinquedos estavam sozinhos no lixo *“de repente queriam ir para a escola”*.

Cada acontecimento criativo aponta para uma dimensão revolucionária, inquieta, da experiência subjetiva. Desde criança, o universo imaginativo povoa as criações cotidianas dos pequenos. Desenhar, contar histórias, brincar, são situações demonstrativas das maneiras de as crianças se expressarem e interpretarem o real, o vivido e(m) suas dinâmicas culturais. (SILVA, 2012, p.50).

Nesse sentido, a compreensão da singularidade do sujeito criança no desenvolvimento humano reafirma que é um sujeito concreto, com características essenciais e permanentes de sua condição, atual, interativo, consciente, intencional e emocional e relaciona-se nos contextos sociais em que participa. Vivenciando emoções, amplia o olhar sobre os seus processos criativos, que não se dão de maneira linear e isolados do contexto vivido. Desse modo, os brinquedos, o palhaço e a boneca retratados na obra de André Neves e nas produções narrativas de Pinóquio e Branca de Neve, assumem um papel essencial para refletirmos sobre as representações e a produção imaginativa do brincar em suas performances narrativas, diretamente ligadas às potências criadoras de suas infâncias.

A infância tem sido conceituada por diversos autores e autoras do campo dos Estudos Sociais da Infância, conforme nos diz Qvortrup (2010, p. 636) como “[...] um componente estrutural e cultural específico de muitas sociedades” (Prout; James, 1990, p. 8), “um componente das estruturas da sociedade” – não uma fase preparatória” (Mayall, 1996, p. 58), “inserido no contexto do desenvolvimento social” (Zeicher, 1996,

p. 37), “um padrão cultural nas mudanças históricas das relações geracionais” (Honig; Leu; Nissen, 1996, p. 21).” Qvortrup (2010) compreende-a como uma categoria social estrutural e sinaliza que a abordagem da infância como um período está ligada à perspectiva do desenvolvimento da criança.

Sarmiento (2007) alerta que há distintas representações de infância, no sentido da falta ou incompletude. Temos como desafio compreender a infância não partindo da ausência de características próprias do adulto, mas da presença de características singulares das crianças, relacionadas à classe social, gênero, espaço geográfico onde reside, cultura de origem e etnia, mas não como suas determinantes. Para o autor as possibilidades de desenvolvimento da criança se sobrepõem ao que seria considerado como ausência, se tomado em relação ao adulto. Farias et al (2022, p. 166) evocam o conceito de agência das crianças ao discutirem sobre a infância de Brasília e preconizam que “[...] refere-se a suas capacidades de construir e criar significados além de tomar decisões sobre o que lhe diz respeito. Essa perspectiva supera a ideia de que elas seriam apenas passivas em processos de socialização, ou integrantes incompetentes da sociedade.” Coadunando com o argumento defendido pelas autoras, Sarmiento (2007) reitera que as crianças falam, pensam, trabalham e são crianças, independente de outros fatores e a negação destas ações na infância se torna um equívoco na compreensão deste período do desenvolvimento humano, negando-lhes o papel de protagonistas de suas histórias de vida.

ENTROU POR UMA PORTA E SAIU PELA OUTRA, QUEM QUISER QUE CONTE OUTRA

Neste artigo procuramos analisar processos imaginativos de duas crianças pequenas presentes em performances narrativas de criação/recriação de histórias a partir da experiência estética com a obra literária *Brinquedos*, do autor e ilustrador André Neves. Percebemos indicadores de elementos da realidade que constituíram processos imaginativos materializados nas suas narrativas, como: a reprodução da ação performática com frase de abertura "Era uma vez"; utilização do recurso estilístico de repetição de palavras; a inserção de novos elementos narrativos, que não estavam representados originalmente na obra, como a presença da escola na narração de Branca de Neve.

Como desdobramentos deste breve estudo, continuamos com indagações como: Como promover o desenvolvimento da prática narrativa com as crianças pequenas?

Como e onde oferecer este momento coletivo para as crianças ouvirem e, principalmente, contarem suas histórias? Seria em casa, onde a TV, computadores e *smartphones* ocupam a centralidade narrativa? Seria nas instituições de Educação Infantil onde muitas vezes nenhuma história é sequer lida para as crianças e suas vozes são constantemente silenciadas? Seria em espaços públicos, onde as crianças são sistematicamente invisibilizadas? Tais questionamentos nos ajudam a pensar sobre os tensionamentos e os desafios de promover e potencializar práticas narrativas na infância e os sentidos estéticos e humanizadores que emergem dessa ação narrativa no cotidiano das crianças pequenas, seja em instituições educativas ou em outros espaços de convivência.

Embora não tenha estado presente no artigo, já que a pesquisa foi realizada antes do período da pandemia, por tudo que foi afirmado, consideramos que, em virtude da pandemia de Covid 19, em que as medidas sanitárias de isolamento social geraram a restrição da circulação de crianças pequenas em espaços públicos, o ensino remoto na Educação Infantil, o tempo excessivo da exposição de crianças pequenas às telas de dispositivos eletrônicos, e as perdas físicas e emocionais, indagamos com muito pesar: como essa situação complexa impactou o desenvolvimento narrativo das crianças pequenas, bem como seus processos imaginativos?

As pesquisas futuras sobre esta temática nos contarão outras inúmeras histórias, e nesse sentido, finalizamos reafirmando que, nas formas como crianças pequenas criam e (re)criam com autoria as histórias narradas, há evidência de um amálgama complexo de dimensões do desenvolvimento humano. Dele fazem parte essencial emoção, memória e imaginação, não dissociadas do caráter intelectual e corporal que se evidenciam como prática performativa de produção de culturas na infância.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Richard. Fundamentos da performance. **Revista Sociedade e Estado**. v. 29, nº 3 Setembro/Dezembro, p. 727-743, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/3njwGxdyTDQY3HKBkF9HHsk/?lang=pt>
Acesso em 08 de set 2021.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRUNER, Jerome. **Cultura da Educação**. Lisboa: Edições70, 1996.

BRUNER, Jerome. **Actos de significado**. Lisboa: Edições70,2008.

BRUNER, Jerome. **Fabricando histórias: direito, literatura, vida**. São Paulo: Letra e Voz,2014.

CAMPOS, Maria Malta. Por que é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira. **A criança fala: a escuta da criança em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

CAMPOS, Karin Cozer de. **Nossas vidas contam histórias: crianças narradoras**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

FARIAS, Rhaisa Naiade Pael; WELLER, Wivian; WIGGERS, Ingrid Dittrich. Escalas infantis na cidade modernista: como crianças vivem e exploram Brasília. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 37, Número 1, Janeiro/Abril 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/3WdXScyjQBd38DLT9yKmXRH/abstract/?lang=pt> Acesso em: 08 set 2022.

GIRARDELLO, Gilka. Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas. In: FRITZEN, Celso e CABRAL, Gladir da Silva (Orgs.). **Imaginação e educação em debate**. Campinas SP: Papirus, 2007.

GIRARDELLO, Gilka. Um roteiro teórico-literário para pensar o papel da narração oral hoje. **Signo**, Santa Cruz do Sul, RS, v.39, n.66, p.3-21, 2014. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/4924> Acesso em 10 set 2021.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Cengage Learning, 2005.

HARTMANN, Luciana. Interfaces entre a Pedagogia do Teatro e os Estudos de Performance. **Educação**. Santa Maria, v.39, n.31, p.515-528, 2014a. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1171/117132523006.pdf> Acesso em 10 jun de 2021.

HARTMANN, Luciana. "Arte" e a "Ciência" de contar histórias: como a noção de performance pode provocar diálogos entre a pesquisa e a prática. **Moringa**. João Pessoa, v.5, n.2, p. 33-48, 2014b. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/22211> Acesso em 10 jun de 2021.

LIVRO DE IMAGENS. BELMIRO, Célia Abicalil. In: Glossário CEALE. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/livro-de-imagens> Acesso em 10 jun de 2021.

NEVES, André. **Brinquedos**. São Paulo: Editora Mundo Mirim, 2012.

PERRONI, Maria Cecília. **O desenvolvimento do discurso narrativo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 36, n.2, p. 631-643, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/M9Z53gkXbYnTcQV9wZS3Pf/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 06 set 2022.

ROGOFF, Barbara. **A natureza cultural do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. IN: VASCONCELOS, Vera Maria R.; SARMENTO, Manuel Jacinto (orgs.). **Infância (in)visível**. Araraquara, SP:Junqueira & Marin, 2007.

SILVA, Daniele Nunes Henrique. **Imaginação, criança e escola**. São Paulo: Summus, 2012.

SMITH, Vivian Hamann. **A construção do sujeito narrador: linguagem, organização do pensamento discursivo e imaginação**. 2006. 405 f. Tese. (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz. **A imaginação na produção narrativa de crianças: contando, recontando e imaginando histórias**. 2015. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz; MADEIRA-COELHO, Cristina Massot. Reconto oral na interface de processos psicológicos: emoção, memória e imaginação. In: SILVA, Kátia Oliveira da; VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz; OLIVEIRA, Paula Gomes de (org.). **Infâncias, histórias e emoções: processos imaginativos em narrativas de crianças**. Curitiba: CRV, 2018. p. 15-26.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Pensamiento y habla**. Buenos Aires: Colihue, 2012.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. A educação estética. In: VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2003.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E PROCESSOS IMAGINATIVOS DE CRIANÇAS CONTADORAS DE HISTÓRIAS

Aesthetic experience in early childhood education and imaginative processes of storytelling children

Débora Cristina Sales da Cruz Vieira

Mestre em Educação

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

Brasília, Brasil

deborasalesvieira19@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1954-6700>

Cristina Massot Madeira-Coelho

Doutora em Psicologia

Professora Adjunta

Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

Brasília, Brasil

cristina.madeira.coelho@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9727-5419>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua da Ferrovia, casa 19, CEP: 71.730-050, Metropolitana, Brasília, DF, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Ao autor André Neves, que gentilmente autorizou a utilização de imagens do livro *Brinquedos* neste artigo.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: D. C. S. C. Vieira, C. M. Madeira-Coelho

Coleta de dados: D. C. S. C. Vieira, C. M. Madeira-Coelho

Análise de dados: D. C. S. C. Vieira, C. M. Madeira-Coelho

Discussão dos resultados: D. C. S. C. Vieira, C. M. Madeira-Coelho

Revisão e aprovação: D. C. S. C. Vieira, C. M. Madeira-Coelho

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no artigo e na seção "Materiais suplementares".

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

A pesquisa empírica não foi submetida ao comitê de ética da Universidade de Brasília à época de sua realização, todavia foi autorizada pelo setor responsável da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal e pelos familiares e responsáveis das crianças via assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento e pelas crianças colaboradoras via Termo de Assentimento.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 06-10-2021 – Aprovado em: 14-09-2021